

UMA ANÁLISE ESTÓICA DAS OBRAS DE OVÍDIO, ARTE DE AMAR E CARTAS PÔNTICAS, DO ANO I A.C. AO XVI D.C.

Gabriel Lagos Monteiro da Silva (PIC /Uem), Renata Lopes Biazotto Venturini (Orientador), e-mail: rlbv65@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas/Maringá, PR.

Área e subárea do conhecimento conforme tabela do [CNPq/CAPES](#): HISTÓRIA 70500002/ HISTÓRIA ANTIGA E MEDIEVAL 70502005.

Palavras-chave: Estoicismo, Ovídio, Literatura.

Resumo:

A presente iniciação científica tem como propósito analisar as obras *Arte de amar* e *Cartas Pônticas*, escritas pelo poeta Ovídio e publicadas entre os anos I d.C e XVI d.C. Os objetivos consistem em relacionar à expansão da filosofia estóica, em meio a tradução da cultura helênica à realidade romana, as modificações resultantes da união entre a *uirtus* estóica e o *mos maiorum*, sobretudo os conflitos morais vivenciados por Ovídio. Para tanto, unimos a análise do conteúdo das obras com o gênero poético ao qual estas se inserem, elegias, tendo como base teórica e metodológica o vínculo entre a produção historiográfica e as fontes literárias, proporcionado pelo viés da História Cultural.

Introdução

Partindo da interação entre história e literatura, nossa pesquisa se pautou na relação entre as produções literárias do início do período imperial romano, em particular a elegia romana, tida como incentivadora da imoralidade. Esse gênero se fundamentava nas representações que uniam ficção e realidade, e apresentava um vínculo com os preceitos da filosofia estóica. Escola de origem grega que, após a conquista romana, expandiu-se por toda à Roma, modificando, gradualmente, diversos de seus aspectos e instituições. Mesmo se tratando de uma relação incomum, veremos que esta fez-se presente na escrita de um dos grandes nomes da poesia elegíaca, Públio Ovídio Naso, autor das duas fontes que embasam nosso estudo, *Arte de amar* e *Cartas Pônticas*.

Materiais e métodos

Como discutido por Sandra Pesavento (2007), a separação entre a narrativa histórica e a literatura, advém da antiguidade, o que se tornou questionável apenas no século XX, em decorrência da expansão da compreensão do que poderia ser entendido como fonte histórica, graças aos historiadores marxistas e a *École des Annales*, bem como a Nova História Cultural. Por meio destes aportes teóricos, Antonio Ferreira (2009) destaca que se tornou possível a análise da literalidade da

obra, assim como a discussão sobre o vínculo entre as representações presentes nas obras, os gêneros destas produções e contexto histórico-cultural do autor. Iniciaremos abordando as características do gênero das duas fontes desta pesquisa. A elegia, gênero ao qual *Arte de amar* e *Cartas Pônticas* se inserem, possuía regras e leis seguidas pelos poetas. Segundo Paul Veyne (2013), por meio destas regras, o público ideal compreendia que o mundo elegíaco, abordado por cada autor a seu modo, encontrava-se à parte do mundo real. Tratava-se de um espaço de liberdades e proibições que, em muitos momentos, entravam em conflito com a realidade, algo que os leitores esperavam previamente, pois, compreendiam que a obra era apenas uma representação. Portanto, o Ego poético e o autor não correspondiam a um mesmo ser, assim como os sentimentos expostos nas obras e as relações entre o Ego e as jovens irregulares, não eram aventuras e acontecimentos da vida do autor, como uma biografia, mas construções poéticas do gênero.

Como evidenciado por Pesavento (2007), tanto as representações como a literatura, partem da realidade, o que permite, em meio as características da elegia, o *Recusatio*, as referências a mitologia romana, as construções de imagens femininas e da sociedade romana. Com base na literalidade de suas obras, podemos evidenciar a relação entre o contexto histórico do poeta, o gênero de suas obras e a filosofia estoica.

Resultados e Discussão

"Quem nos impede de colher de temas elevados exemplos para coisas banais [...]?" (NASO, 2011, p.353), ou melhor, quem impede que de temas banais sejam colhidos temas elevados? Com tais interrogações nos perguntamos se os seus escritos, tão distantes da moral republicana e da sabedoria estoica, estarem permeados pelos princípios desta escola filosófica?

Em sua obra, Naso (2011) inspirado pelo Amor, propõe, como mestre da arte, o ensino dos prazeres de Vênus, dividindo esta empresa em três partes, a saber, a procura, a conquista e o manutenção do prazer. Neste percurso, seus alunos, homens e mulheres romanos, aprenderiam todas as estratégias necessárias, tais como a comunicação por sinais, a submissão, o período adequado para conquista e, sobretudo, a persistência.

Mas o Ego ensinaria a seus discípulos que todas as mulheres romanas poderiam ser conquistadas? A resposta poderia ser positiva, e também negativa. A escrita do poeta Ovídio está repleta de contradições, em especial com relação as mulheres casadas, sendo necessário, mesmo que os leitores ideais compreendessem que o Ego de Naso e seu mundo encontravam-se em uma realidade espelhada da sociedade romana, compreendermos para quem seus ensinamentos eram destinados.

Nos três volumes que compõem *Arte de amar*, várias são as advertências quanto aos destinatários e as mulheres a que poderiam ser conquistadas pela arte, avisos que claramente alertavam que os ensinamentos de Naso (2011) não eram para aprendizes que buscavam seduzir mulheres casadas ou para que estas adquirissem conhecimento sobre métodos para se praticar o adultério, "Ficai longe daqui, fitas inocentes, emblemas de pudor, e vós, longos mantos caídos, a cobrir os pés! Eu,

uma Vênus vivida em segurança e amores secretos consentidos é o que canto, e nos meus versos crime algum há de haver.” (NASO, 2011, 264).

Para a compreensão das constantes medidas de cautela nos escritos de Naso (2011), torna-se necessário abordarmos o contexto no qual *Arte de amar* está inserida. Durante o início do Principado romano, em decorrência das medidas tomadas pelo Imperador Otaviano para construção de sua identidade virtuosa, da relação entre seu governo e os princípios republicanos, bem como do estabelecimento de uma relação harmônica entre seu cargo e o senado, modificações foram sentidas em vários âmbitos da sociedade, como por exemplo, no matrimônio, na literatura e na criação de leis moralizantes.

A influência da filosofia estóica teve fundamental importância neste processo, estando em gestação e em desenvolvimento desde a chegada da escola à Roma, atuando como agente modificador na educação e política romana, bem como na construção da representação virtuosa do imperador. Identificando na obra, a persistência de Ovídio em ressaltar a sua inocência às possíveis denúncias de imoralidade que sua obra suscitaria, “Pois bem, uma vez mais o afirmo: aqui, nenhum prazer existe, se a lei não consente; no prazer que ensino não há nenhum manto de matrona.” (NASO, 2011, p.323), já que leis como a *Lex Iulia de Maritandis*, promoviam a punição de praticantes e incitadores do adultério. Além disso, a expansão da *uirtus* estóica sobre o império romano tornava a obra de Ovídio destoante da moral vigente e inapropriada.

Além das referências as leis e ao contexto moralizante ao qual escrevia, Naso (2011), por meio do Ego do poeta, referiu-se a princípios da filosofia estóica em *Arte de amar* e em *Cartas Pônticas*. Logo em seu primeiro verso, o poeta expõe a necessidade de se entregar ao amor com sabedoria, regra para a arte que se propõe a ensinar e que se torna presente nos três volumes da sua obra. A mescla entre preceitos românticos e morais tornam-se abundantes, tendo Naso (2011) enfatizado a clara necessidade da união entre os bens do espírito e as qualidades do corpo, mencionando e discutindo as virtudes estóicas no ensino dos seus discípulos e nas referências a Otaviano, exemplo vivo da virtude.

Em seu exílio, o Ego de Naso (2009) por meio da sua coletânea de epístolas, *Cartas Pônticas*, buscava por meio dos versos dísticos alcançar a *uirtus* do mais manifesto dos deuses, o crítico de sua conduta e juiz de sua sentença, o Imperador. Desse modo, provava sua inocência quanto as acusações de incentivo ao adultério e da corrupção moral, e também, seu desejo de que fosse escolhido um local mais seguro ao cumprimento de sua pena. Aos destinatários, amigos próximos, como Cota Máximo, Messalino, Fábio Máximo, Germânico, bem como a sua esposa, Naso (2009), como na descrição de Augusto, não poupava virtudes, revelando em suas cartas grande conhecimento quanto a temas recorrentes nos tratados estóicos, como as paixões e a compreensão da própria natureza.

Assemelham-se as descrições do sofrimento do Ego, os males promovidos pelas paixões. Estas eram divididas em quatro grupos, a dor, contração irracional da alma, o medo, expectativa de um mal, o desejo, apetite irracional e o prazer, ardor ou desejo irracional (BRUN, 1982, p.85). Estes males da alma teriam obtido acesso ao poeta inicialmente por suas obras, mas tornaram-se nocivos ao Ego (NASO, 2009, p.40), pois teriam acarretado sua condenação e exílio e um ciclo de sofrimentos à sua alma.

Conclusões

Nessa pesquisa buscamos elucidar as relações entre a escola filosófica estóica e as obras do poeta Públio Ovídio Naso (44 d.C, - 17 d.C), autor romano que se dedicou a escrita de obras elegíacas, não se abstendo de explorar assuas mais variadas formas deste gênero poético, cantando ora os amores, ora os sofrimentos de seu Ego e envolvendo seus leitores em narrativas fantásticas, em que deuses, heróis e mortais encontravam-se no mesmo cenário, em sua representação da cidade de Roma.

Concluimos, portanto, esperançosos de que nosso intento em unir Clio a suas outras irmãs musas, bem como a filosofia estóica às obras elegíacas de Ovídio, tenha possibilitado a ampliação das perspectivas de análise da influência estóica sobre a sociedade romana do início do período imperial e lançado luz sobre as infindáveis possibilidades de estudo que as fontes literárias tornam praticáveis, sobretudo, um gênero poético tão rico como as elegias romanas.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer à Prof. Dra. Renata Lopes Biazotto Venturini por sua paciência e orientação, foi uma honra ter pesquisado ao lado de uma profissional que admiro tanto.

Referências

BRUN, Jean. O estoicismo. Lisboa: Edições 70, 1982.

LUCA, T. R.; PINSKY, C. B. **O historiador e suas fontes**. In: FERREIRA, Antonio. A fonte fecunda. São Paulo: Contexto, 2009.

NASO, Públio. **Amores e Arte de amar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NASO, Públio. **Cartas Pônticas**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

PESAVENTO, Sandra. **História e História Cultural**. São Paulo: Editora Autêntica, 2007

VEYNE, Paul. **Elegia Erótica Romana**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.